



reCHERches

Culture et histoire dans l'espace roman

14 | 2015

Langue, grammaire et didactique en diachronie :
domaine roman

A percepção do castelhano no *Antidoto da Língua Portuguesa* (1710) de António de Mello da Fonseca

Sónia Duarte



Edición electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/cher/5090>

DOI: 10.4000/cher.5090

ISSN: 2803-5992

Editor

Presses universitaires de Strasbourg

Edición impresa

Fecha de publicación: 1 junio 2015

Paginación: 153-173

ISBN: 978-2-86820-910-8

ISSN: 1968-035X

Referencia electrónica

Sónia Duarte, «A percepção do castelhano no *Antidoto da Língua Portuguesa* (1710) de António de Mello da Fonseca», *reCHERches* [En línea], 14 | 2015, Publicado el 03 diciembre 2021, consultado el 15 diciembre 2021. URL: <http://journals.openedition.org/cher/5090> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/cher.5090>



Ce(tte) œuvre est mise à disposition selon les termes de la Licence Creative Commons Attribution - Pas d'Utilisation Commerciale - Partage dans les Mêmes Conditions 4.0 International.

A percepção do castelhano no Antídoto da Língua Portuguesa (1710) de António de Mello da Fonseca*

SÓNIA DUARTE

Centro de Linguística da Universidade do Porto

Quando, no século XVI, arranca o processo de gramatização do português, a noção de *diglossia*, concebida de acordo com a formulação de Joshua Fishman (1967: 29), descreve, em termos sociolinguísticos, a relação desta língua com a castelhana¹. Como se expõe nos estudos de Luciana Stegagno-Picchio (1982 [1959]), Maria Leonor Carvalhão Buescu (1983: 215-236) e Fernando Vázquez Corredoira (1998), é precisamente o carácter diglósico da relação entre os dois idiomas que está na origem da particular conformação da “questão da língua” em Portugal.

* Este trabalho foi realizado no âmbito das atividades financiadas pela Fundação de Ciência e Tecnologia (SFRH/BD/74989/2010), em suporte da investigação realizada para o projeto de dissertação de doutoramento intitulado *La lengua y la gramaticografía españolas desde la historiografía gramatical portuguesa (1623-1848)* e inscrito no *Departamento de Filología Hispánica y Clásica de la Universidad de León*, sob orientação da Professora Doutora María Dolores Martínez Gavilán.

1 Ao longo deste trabalho, assume-se uma consideração diferenciada dos termos *castelhano* e *espanhol* decorrente da relativização diacrónica dos mesmos. Como explica Ana María García Martín (2008: 15, n.2), comentando o uso dessas expressões durante o período compreendido entre finais do século XV e o século XVIII, «la denominación ‘língua espanhola’ en el Portugal de este periodo era utilizada mayormente para referir una lengua hispánica común, que englobaba variantes como “português” y “castelhano”». Para mais informação, veja-se sobre o mesmo tema José Luís Pensado (1983).

Ora o binómio português/castelhano, aparentemente adversativo do binómio latim/português traz, afinal, a neutralização deste, na medida em que a posição em relação ao castelhano releva duma *praxis*: apresenta a iminência de um risco que os humanistas pressentem. O do predomínio de uma língua competitiva, forma de expressão de uma nação de algum modo rival – em termos objectivos mais poderosa – no plano político interno e também no plano duma política expansionista e imperial.

Assim a reaproximação com o latim representa o estreitamento de um vínculo que, sendo tutelar, é também libertador” (Buescu 1983: 225).

A aplicação à realidade portuguesa deste conceito originariamente associado à emancipação do vulgar em Itália (Picchio 1991[1972]; 1978) é, assim, descrita por Buescu como a superação do processo de afirmação perante o Latim, pela reorientação defensiva para o castelhano e conseqüente reaproximação ao latim, com as conseqüências daí decorrentes em termos de opções de gramatização. O conflito linguístico subjacente a esta situação não se esgota, contudo, no período inicial da gramaticografia portuguesa e nos textos que o consubstanciam, estudados desde esta perspectiva específica por autores como José Luís Rodríguez (2005) e Miguel Gonçalves (2010). Embora, posteriormente ao século XVI, a relação entre os dois idiomas venha a assumir outros contornos, faz sentido estudar a presença e representações do castelhano nos textos metalinguísticos portugueses subsequentes, como, aliás, fizeram já Maria Filomena Gonçalves (2000), Antonio Martínez González (2002), Rogelio Ponce de León Romeo (2006) e García Martín (2007)², evidenciando, nalguns destes casos, que o discurso metalinguístico desse período revela que o condicionamento do processo de gramatização da língua pelo referido quadro conceptual se estende até ao século XVIII.

Tal é o que se pretende também aqui demonstrar, através do estudo específico do *Antidoto da Lingua Portuguesa* (Amsterdão [1710]³), publicado por José de Macedo (1667-1717) sob o pseudónimo de António de Mello da Fonseca. Aqui se dará particular destaque à informação constante no capítulo III, intitulado «Comparase a nossa

2 Estes trabalhos incidem prioritariamente sobre a gramaticografia do português europeu. Para a aplicação desta perspectiva especificamente à gramaticografia brasileira, remete-se para Margarita Lliteras & Andresa Dorásio 2012. Refira-se ainda o importante contributo do trabalho de Vázquez Corredoira (1998), o qual, ainda que orientado para a consideração do galego nos textos metalinguísticos portugueses, analisa com a merecida atenção o papel do castelhano nesse contexto.

3 A informação da data é extraída a partir da dedicatória da obra.

língua com a Castelhana em algumas meudezas», onde Fonseca dedica atenção isolada ao castelhano, promovendo o elogio do português por comparação com aquele. Observe-se ainda que é precisamente pela nota de superioridade perante o castelhano que o texto é mencionado em trabalhos de historiografia gramatical dedicados à relação entre estas duas línguas ibéricas (Vázquez Corredoira 1998: 55; Ponce de León Romeo & Duarte 2005: 374). Faltam, contudo, estudos especificamente dedicados à obra em questão, constituindo o de Ana Maria Leite (2002) uma exceção a destacar, embora, no estudo introdutório que faz à sua edição deste texto, não se centre sobre a abordagem que aqui se pretende levar a cabo⁴.

No tocante aos dados biobibliográficos sobre o autor em estudo, o já referido trabalho de Leite (2002: 11-12) recolhe a maior parte da informação a este respeito, a partir dos dados coligidos, por sua vez, por Inocêncio Silva (1860: IV, 428-429). Como tal, não parece pertinente redundar aqui sobre esta matéria. Segundo os dados recolhidos, a obra em estudo é a única obra publicada de José de Macedo⁵. Parece significativo que tal seja feito fora de Portugal e sob pseudónimo, no entanto, a bibliografia consultada não esclarece esta questão, embora Leite (2002: 12) levante hipóteses sobre essa circunstância estar relacionada com eventuais ligações do autor ao judaísmo ou aos seus praticantes, ou ainda com o seu compromisso com o programa iluminista de D. João V, a quem vai dedicada a sua obra. No que toca especificamente à opção por um pseudónimo, com efeito, como informa Gonçalves (2003: 895), “a ocultação do nome era frequente, por razões de ordem diversa, com destaque para a perseguição política e religiosa”. Outra hipótese que cabe ainda levantar é que tal se prenda com a expectativa do autor relativamente a uma má receção da obra –um receio que, aliás, se explicita nos textos preambulares do *Antídoto* e noutros pontos do mesmo⁶.

Como é observável no quadro 1, no qual se organizam os dados recolhidos em Leite, a obra em análise encontra-se dividida em quarenta

4 Os objetivos da autora perspetivam-se de forma mais abrangente: «tornar mais acessível ao leitor comum a leitura do texto e conduzir o leitor numa leitura da obra, ambos ao serviço de um objectivo principal e lato –mostrar a importância da obra e do autor para a história da Língua Portuguesa e para a história da Linguística em Portugal» (Leite 2002: 9).

5 Silva (1860: IV, 428) informa ainda de um conjunto de poesias de José de Macedo, que terão sido, contudo, destruídas pelo autor.

6 Sobre a receção do texto em outros autores, ver Silva (1860: IV, 428-429).

e dois capítulos numerados e um não numerado, perfazendo um total de quatrocentas e vinte e seis páginas, dentro das quais o capítulo em foco ocupa pouco mais de duas (p. 8-10)⁷.

Quadro 1: estrutura da obra segundo Leite (2002: 13-17)

I – <i>Problema da Língua</i>	Cap. I
II – <i>Elogio da língua</i>	Caps. II-XII
III – <i>A obsessão do ditongo “ão”</i>	Caps. XIII-XXIII
IV – <i>Reforma da língua e Camões</i>	XXIV-XXXII e Capítulo último

O conjunto dos capítulos que integram o encómio servem, naturalmente, o propósito global da obra, ou seja, a apologia da eliminação do ditongo nasal. Tal objetivo é exposto por Macedo no Prólogo.

Com tres dissertações variamente aberrantes do meu instituto, e estudiosamente dilatadas, tentei, como veràs temperar neste livro, ou obumbrar alguma parte das grandes insulsidades, que o vulgo reprehensor acerrimo e constante dellas, com taõ insulsa, como iniqua temeridade, considera no escopo delle; que he o exterminio do ditongo aõ, e de outros, de que usamos frequentemente (Fonseca [1710]: [VII-VIII])⁸.

Considerando o objetivo global anteriormente identificado, a comparação realizada com o castelhano, condescende em que, como se enuncia logo no Prólogo, a questão do ditongo é a única em que há certo reconhecimento da argumentação em favor do tópico da inferioridade do português.

Eu nunca me descontentei tanto da nossa Língua, como se descontentaõ muitos grammaticos, que affirmaõ temerariamente, que ella he muito peor que a Castelhana, sendo tal a ignorancia, de que nelles procede esta affirmaçã, que o mais que dizem, se saõ examinados os fundamentos della, he sò, que a grande frequencia, com que usamos do ditongo aõ, faz a nossa Língua mui tosca e mui grosseira. Isto confesso, que nunca nella me pareceu bem; mas nem basta, para que eu a julgue inferior a alguma das vulgares, nem cuidado, como o cuidaõ geralmente todos os Portuguezes, que he irremediavel este defeito; e por isso me resolvi a declarar aqui, qual me parece, que pode ser o remedio delle (Fonseca [1710]: [V-VI]).

7 Não obstante a dimensão variável dos diferentes capítulos, já observada por Leite (2002: 13), como se conclui do cômputo apresentado pela mesma autora, a reduzida dimensão do capítulo em estudo corresponde aproximadamente à extensão de boa parte dos capítulos que constituem esta obra. Destaca-se largamente, pela diferença, o capítulo não numerado que a encerra e que ocupa cento e cinquenta e quatro páginas, estando inteiramente dedicado à poesia de Camões.

8 Nas transcrições da obra em estudo, procedeu-se em dois casos a uma modernização dos grafemas: i) uniformizou-se na letra «s» a representação da sibilante surda; ii) na letra «v», a representação da fricativa labiodental sonora.

Contudo, em termos globais, como o autor procura sublinhar desde o início do texto e, em especial, no capítulo III, apoiando-se no testemunho de autores que o precederam⁹ e na sua própria apreciação dos resultados da comparação das duas línguas, o cotejo não é favorável ao castelhano, mas sim ao português. Acresce ainda que, apesar do reconhecimento da vantagem na inexistência do citado ditongo, a solução que Macedo propõe para substituição do mesmo não coincide inteiramente com a existente em castelhano, embora este sirva de referente pontual, como expõe o autor neste ponto:

Primeiramente advirto, que innumeraveis palavras; que nos acabamos em *aõ*, acabaõ os Castelhanos em N; e que ainda que a grande afinidade, que a nossa Língua tem com a sua, nos pode facilmente cauzar desejo de os imitar para melhoramento da nossa, dizendo por exemplo, como elles, *Occasion*, *Perdon*, *Ladron*, por *Occasiaõ*, *Perdaõ*, *Ladraõ*, &c. melhor pareceria com tudo, que por fugir do vicio, já acima commemorado, de acabar duramente com a Letra N, muitas palavras, chegados huma vez a tomar a generosa resolução de alterar nisso a nossa Língua: a alterassemos de outro modo mais suave e mais agradável, como irei declarando (Fonseca [1710]: 64).

[...] Porque naõ he preciso, que sigamos as pisadas dos Castelhanos exactamente; e basta, que sigamos o Latim nas palavras, em que elle nos ensina a converter o *aõ* em *one*, *ude*, e *ade* (Fonseca [1710]: 69).

Tal situação relativiza o valor dessa vantagem, juntamente com o facto de que a referência mais constante e, enfim, a última, mesmo nos casos de coincidência com a solução castelhana, é, na verdade, o latim, como se ilustra na segunda passagem transcrita.

Centrando-nos então sobre o cotejo dos dois idiomas e sobre o capítulo que lhe é especificamente dedicado, o início deste, como é visível na passagem abaixo transcrita, coincide com a sua própria justificação, pela referência à especificidade da relação com o castelhano.

[...] mas vendo que naõ falta, quem tenha por peor a nossa que a Castelhana, e que a Castelhana he tida geralmente por melhor que todas as vulgares; com ella só a compararei, para mostrar, quanto lhe excede em varias circunstancias, ainda que naõ muito consideraveis, advertindo desde logo nesta comparação, que sendo taõ semelhantes estas duas linguas, que as entendem reciproca e facilissimamente, sem o minimo estudo, os legitimos donos de cada huma tanto parece, que se enganaõ os grandes Aristarchos,

9 Entre os quais destaca, por exemplo, os portugueses João de Barros e Frei Bernardo de Brito, mas também refere, estrategicamente, autores espanhóis, como Miguel de Cervantes, o Padre Juan de Mariana, Lope de Vega ou Vicente Gómez Martínez Espinel (Fonseca [1710]: 6, 15). Leite (2002: 117-119) procurou reunir a maioria das fontes (de qualquer nacionalidade) referidas pelo autor.

que afirmaõ, que a Castelhana he claramente muito mais elegante que a Portugeza, como parece, que he difficil que sendo duas Damas mui semelhantes, seja huma dellas claramente muito mais formosa (Fonseca [1710]: 8).

Advirta-se que os fundamentos apresentados na mesma coincidem, em grande medida, com os veiculados pelo discurso metalinguístico da tradição precedente, os quais se podem encontrar recolhidos nos estudos de García Martín (2005) e de Rodríguez (2005): i) o pressuposto da necessidade de afirmação do português ii) o estereótipo da facilidade e mútua compreensão, intimamente associado ao da semelhança entre ambas as línguas e ao da prescindibilidade do seu estudo formal¹⁰.

Contudo, apesar de partir do pressuposto da estreita semelhança entre os dois idiomas, o corpo do capítulo centra-se sobre os factos de língua que os separam. A este respeito cumpre aferir aqui duas questões: i) que fenómenos dão continuidade à tradição anterior em termos dos factos de língua em contraste; ii) que juízos linguísticos explícitos, no sentido de Paiva (2004), se formulam no quadro desse cotejo e que representações sobre o castelhano se inferem daí e como se situam face à tradição precedente. Tal tradição é aqui entendida como o conjunto da produção gramaticográfica, ortográfica, apologética e tratadística dos séculos XVI-XVII referente ao português enquanto língua materna e escrita por autores portugueses¹¹. Concentrar-me-ei aqui nos textos impressos identificados nos seus trabalhos por Leonor Buescu (1978), Rolf Kemmler (2001) e Maria do Céu Fonseca (2006), seguidamente elencados no quadro 2:

10 Na tradição portuguesa, este último encontra-se, contudo, mais frequentemente restringido à língua espanhola. Com efeito a dificuldade do português –*versus* a facilidade do Espanhol– é um dos traços idiossincrásicos que lhe são associados no discurso metalinguístico desde os seus inícios.

11 Em Espanha, como afirma Rodríguez (2005: 599) a propósito dos textos quincentistas castelhanos, a tradição de comparação linguística entre as duas línguas ibéricas não tem reflexo simétrico na gramaticografia do espanhol, pois é o italiano que lhe serve de referência, dando-se pouca atenção ao português. Contudo, para um estudo específico da sua consideração como dialecto do espanhol nos textos gramaticográficos espanhóis dos séculos XVII e XVIII, veja-se Gonçalves (2006).

Quadro 2: corpus selecionado

Fernão de Oliveira	<i>Grammatica da Lingua Portuguesa</i> (Lisboa, 1536)
João de Barros	<i>Gramática e Dialogo em Louvor da Nossa Linguagem</i> (Lisboa, 1540)
Pero de Magalhães Gândavo	<i>Regras que ensinam a maneira de escrever e orthographia da lingua Portuguesa com hum dialogo que a diante se segue em defensam da mesma lingua</i> (Lisboa, 1574)
Duarte Nunes de Leão	<i>Orthographia da Lingoa Portuguesa</i> (Lisboa, 1576) <i>Origem da lingua portuguesa</i> (Lisboa, 1606)
Manuel Severim de Faria	«Das partes que há-de haver na linguagem para ser perfeita, e como a portuguesa as tem todas e alguãas com eminência de outras linguas», in <i>Discursos Vários Políticos</i> (Évora, 1624)
Álvaro Ferreira de Vera	<i>Orthographia ou modo para escrever certo na lingua Portuguesa</i> (Lisboa, 1631)
Bento Pereira	<i>Regras gerays breves, & comprehensivas da melhor ortografia</i> (Lisboa, 1666)
João Franco Barreto	<i>Ortografia da Lingua Portuguesa</i> (Lisboa 1671)

No capítulo em foco, o contraste resume-se a umas poucas questões de grafia e fonética, o que é coerente com a apreciação encontrada em obras da especialidade (Vázquez Corredoira 1998: 54-56; Sousa 2005; Fonseca 2006: 29) sobre a ortografia enquanto espaço privilegiado de diferenciação do português face ao castelhano. Seja como for, o próprio autor, antecipando a desvalorização dessas questões, no capítulo subsequente, onde trata de matérias ditas “maiores” (Fonseca [1710]: 10), precisa o valor das diferenças encontradas e sublinha o seu contributo particular em as apontar, criticando, inversamente, uma tradição anterior onde tais diferenças teriam sido esquecidas.

Mas se disser alguém, que as diferenças todas; em que eu digo, que a Língua Castellhana he excedida da Portuguesa, não são mais que meudezas de pouca importancia; e que em diversas cousas mais graves e mais substanciaes devem ser comparadas estas duas linguas, para que nessa comparação conheçamos, qual dellas fica superior: respondo primeiramente que, sendo a língua Castellhana na mais geral opiniaõ dos homes doutos, a melhor, que hoje se falla vulgarmente no mundo, não he pouco, que a nossa logre nessas meudezas qualquer superioridade; nem que eu pudesse notar isto mais ampla e mais distinctamente que outros curiosos, sendo taõ grande, como he, o numero daquelles, que o não tem notado (Fonseca [1710]: 10).

As diferenças referidas por Macedo incidem sobre os seguintes aspetos: i) o que autor apresenta como terminações em <-a>, em que se discorre, fundamentalmente, sobre o ditongo nasal; ii) processos de ditongação vs. monotongação; iii) terminações em <-d>.

Quadro 3: fenómenos em contraste (I).

	Castelhano	Português	Págs.
Terminação em <-a>	«[...] grande familiaridade [...]». «inumeráveis nomes, como <i>pan, Capitan, desden, ladrón, ocasión</i> [...], e algumas propozições como <i>en, sin, con</i> , e todas as terceiras pessoas do plural de todos os verbos em todos os modos e tempos, como <i>aman, amavan, amaron, amaran, amen, amassen</i> [...]».	«[...] muitas dessas palavras acabamos nos em <i>ão</i> [...]».	8
Ditongaço vs. monotongaço	«[...] <i>puerta, puerto, huevo, nuevo, tuerto, muerte, suerte, fuerte, fuente, puente, fuego, cuerpo, cuervo, fuera</i> [...]». «[...] <i>merienda, cierto, ciervo, ciego, siempre, vientre, ciento, miedo, tiempo, viento, tierra, fiera, miel, diente, impedimento</i> [...]». «[...] <i>puerta e portero, fuerte e fortaleza, fuerza e forçoso, muerte e mortaja, duele e dolor, cuento e contar, suelto e soltar, duerme e dormia, puede e podia, muerde e mordia, quiere, e queria, tiene e tenia, viene e venia, tiembla e temblava, suena e sonava, hazer e satisfazer, dicho e maldicho</i> e mil outras cousas, como estas, he vicio entre os Castelhanos frequentissimo [...]».	«[...] <i>porta, porto, ovo, novo, torto, morte, sorte, forte, fonte, ponte, fogo, corpo, corvo, fora</i> [...]». «[...] dizendo nós também tudo isto mais Latina, e por isso menos corruptamente, e com pronunçiação mais clara, mais aberta, mais desembaraçada, e mais facil, sem este <i>l</i> , que nisto he ociosissimo». «[...] entre nós rarissimo».	8-9
Terminação em <-d>	«[...] <i>Verdad, falsedad, magestad, dignidad, caridad, liberalidad, ciudad, virtud, salud, e outras muitas</i> [...]».	«[...] que he certo, que nós pronunçiamos muito mais elegante e mais brandamente com o <i>E</i> , que no fim lhe acrescentamos».	9

De entre estas diferenças, por diferentes razões, cabe destacar a que surge apontada em primeiro lugar na tabela: i) porque se prende com a utilização do ditongo cuja censura consiste no principal objetivo desta obra; ii) por, decorrente do anteriormente exposto, entre as três notas contrastivas, ser a situação que mais vezes é recuperada ao longo da obra¹²; iii) por se afigurar, dos três aspetos contrastados, como o de maior enraizamento na tradição, como se demonstrará aqui, e de cuja controvérsia, como adverte Vázquez Corredoira (1998: 55, n.89), dão testemunho textos não gramaticográficos de autores coevos de José de Macedo, como é o caso do *Verdadeiro Método de Estudar* (Valença, 1746) de Luis António Verney (1746: 25-28), e estudos ortográficos atuais como os de Gonçalves (2003: 465-466) e Kemmler (2007, 340-347).

Para além dos aspetos identificados neste capítulo, ao longo da obra, surgem ainda de forma pontual outras referências contrastivas às duas línguas. Curiosamente, embora não beneficiem do destaque que lhes conferiria a integração no capítulo III, estas outras notas constituem um

12 O tratamento do primeiro destes aspetos encontra-se, portanto, presente ao longo da maior parte da obra; já o segundo apenas é retomado numa única ocasião (Fonseca [1710]: 20), e o terceiro, em duas (Fonseca [1710]: 14; 20).

grupo mais numeroso e mais diversificado de fenómenos contrastivos, que também aqui se procurou sistematizar (quadro 4), e que, tal como as questões tratadas no capítulo em foco, constituem, na sua maioria, matérias de ortografia, embora também se contemplem algumas questões de morfologia (tempos verbais), de sintaxe (concordância) e relativas ao léxico (formação de palavras).

Quadro 4: fenómenos em contraste (II).

	Castelhano	Português	Págs.
Betacismo	«[...] São mutuamente confundidos, e equivocados o V consoante com o B [...]».	não referido	16
Zetacismo	«[...] [São mutuamente confundidos, e equivocados] o S e o C com o Z [...]».	não referido	16
Guturalização	«[...] [São mutuamente confundidos, e equivocados] o I com o X e com o G, o G com o H [...]».	não referido	16 ¹³
<ll> vs. <lh>	«[...] Os castelhanos escrevem com dois LL [...]».	«[...] e nós com LH[...]».	16 ¹⁴
Fricatização (<f>) vs. aspiração (<h>)	«[...] Eles corrompem grandemente com as suas aspirações».	«[...] <i>Filho, Folha, Ferro, Femea, Fumo, Fuso, Fel, Fede, Figo</i> [...], e muitas outras semelhantes [...]».	19
Pretérito mais que perfeito simples	«[...] Só com os verbos auxiliares o podem significar [...]».	«[...] Temos também, como os Latinos, o preterito plusquamperfeito do Indicativo [...]».	46-47
Pretérito perfeito / definido	«[...] Cousa, com que também os Castelhanos se mostram muitas vezes menos imitadores do que nós da Latindade; porque ordinária e reprehensivelmente dizem, usando do mesmo preterito: <i>Nunca he visto, ni oido, ni imaginado etc.</i> [...]».	«No uso do preterito perfeito temos tambem a singularidade de imitar os Latinos, dizendo puramente com elle o que os Franceses, e as outras nações de Europa dizem inutil e importunissimamente com o preterito, que os mais doutos gramaticos chamão definido. [...] Dizendo nós muito mais elegante e simplesmente: <i>Nunca vi, nem ouvi, nem imaginei etc.</i> »	47
Concordância de género	«Os Castelhanos tambem dizem <i>El alma, El almohada, El alcova</i> [...]».	«[...] Mas nós nunca dizemos coisas semelhantes». «Observamos tambem com taõ inviolavel diligencia a regularidade de concordar legitimamente os adjetivos com os Substantivos [...]».	49
<nh> / <ñ>	«[...] Os Castelhanos sò com huma pequena linha sobre o N [...]».	«[...] nós com o N antes do H significamos [...]».	133
Léxico (formação)	«A Língua Castelhana conforma se tanto com a nossa, em que não lhe pode ser [como ja tenho dito] muito desigual: mas parece, que a nossa na copia e formusura dos diminutivos lhe he superior e que nehuns no mundo melhor que os nossos, merecem ser chamados Ypocoristicos [...]» «Sobre isto disse galantemente Pedro de Magalhães Gandavo no seu Dialogo, que seria conveniente, que os Castelhanos dissessem <i>Ojar</i> , já que dizem <i>Ojos</i> , ou já que dizem <i>Mirar</i> , chamassem a os olhos <i>Miros</i> , para que acerca disto não vissemos a dissonancia, que vemos na sua lingua».	«Primeiramente em nehuma Língua se formaõ, nem se podem formar taõ facil, taõ regular, e taõ elegantemente os nomes diminutivos, como na nossa [...]». «[...]De <i>Olho</i> derivamos o verbo <i>Olhar</i> [...]».	41-42; 45; 53

13 Ver também passagem a este respeito nas páginas 14 a 15 do mesmo texto.

14 Ver também passagem a este respeito na página 133 do mesmo texto.

A respeito do tratamento contrastivo destas questões na tradição metalinguística precedente, cabe destacar, como já foi referido, o ditongo nasal como o facto contrastivo mais partilhado pelos textos em cotejo.

Quadro 5: fenómenos em contraste (III).

	Oliveira 2012 [1536]	Barros 1971 [1540]	Gândavo 1981 [1574]	Leão 1983 [1576]	Leão 1983 [1606]	Faria 1999 [1624]	Vera 1631	Pereira 1666	Barreto 1671
Terminações com a letra <-a>	p. 95; 97			p. 90-92; 94	p. 305-306	p. 86-87; 90-91	f. 25-26	p. 65-67	p. 100; 104-105; 152; 192-193
Ditongação vs. monotongação			p. 71		p. 306				p. 104
Terminações com a letra <-d>						p. 85	f. 7;		p. 124
Betacismo						p. 90	f. 6		p. 114; 171
Zetacismo						p. 90			
Guturalização			p. 64			p. 90-91			
<ll> vs. <lh>				p. 64-66	p. 310		f. 13	p. 56	p. 135
Fricativa vs aspiração			p. 67				f. 9-10	p. 53	p. 126-127
Pretérito mais que perfeito simples									
Pretérito perfeito/indefinido									
Concordância de género									
<nh> vs. <ñ>				p. 67-68				p. 57	p. 135
Léxico (formação)			p. 49			p. 84			

No que respeita aos autores que integram essa tradição, realça-se o trabalho de Gândavo, por ser o único citado no capítulo em foco.

Naõ fallarei tambem no celebre dialogo; que escreveu o nosso Portuguez Pedro Magalhaës Gandavo sobre a grande excellencia da Lingua Portugueza, e os varios fundamentos, com que se pode provar, que ella he mais excellente, que a Castelhana, porque ainda que ali dos dois altercadores, que são hum Portuguez e hum Castelhana, que largamente se empenhaõ com aquella controversia na investigaçãõ da verdade, o Castelhana he o vencido, e o Portuguez o vitorioso, com pouca astrologia e pouca habilidade se pode adivinhar, que outro caminho bem diferente tomaria a victoria em semelhante colloquio, se delle fosse autor algum Castelhana. Mas ainda que naõ baste aquelle dialogo, para persuadir a os amantes da Lingua castelhana, que ella naõ he taõ boa, como a Portugueza, cuido eu que bem pode ao menos bastar, para que eles vejaõ,

que ainda que lhes pareça peor a Portuguesa que a Castelhana, não podem afirmar, que o he tão conhecidamente, que não tenhamos muitas e boas rasoês para o duvidar, nem encontremos muitas e boas dificuldades nesta questaõ, ou devamos suppor, como elles facilmente suppoem, que na verdade ella não he tão ardua, que não possa justamente ser decidida como elles querem, sem o impedimento de largas controversias e muito justas opposiçoẽs (Fonseca [1710]: 9-10).

Gândavo constitui ainda fonte expressa para os juízos sobre o castelhano noutro ponto da obra, como se dará conta mais adiante, a respeito das apreciações sobre a formação de palavras em cada língua (ver quadro 8). No que toca ao valor atribuído por Macedo ao texto de Gândavo, como se pode extrair do fragmento acima transcrito, se, por um lado, relativiza a sua eficácia argumentativa por motivos de parcialidade, por outro, reforça o seu valor na questionação da superioridade do castelhano.

Ainda sobre os autores antecedentes, cabe igualmente salientar que, dos cotejados, como ilustra o quadro, apenas Barreto partilha a abordagem da totalidade das situações apontadas no capítulo em foco, sendo ainda, globalmente, o autor em cuja abordagem contrastiva se detetam mais aspetos em comum com o autor do texto em estudo e aquele que, cronologicamente, se aproxima mais de Macedo. Apesar de a referência expressa a Barreto no quadro da comparação das duas línguas (Fonseca [1710]: 16) revelar o conhecimento da obra daquele, os fragmentos cotejados não permitem por si só determinar se houve consulta direta do texto. Observe-se que, apesar de várias referências a autores espanhóis ao longo da obra¹⁵, no que se refere aos factos linguísticos em cotejo, as fontes metagramaticais expressas são maioritariamente portuguesas. Para além de Gândavo e de Barreto – já mencionados –, dos autores do *corpus* do presente estudo, o *Antídoto* alude ainda a Barros (Fonseca [1710]: 20), Leão (Fonseca [1710]: 16) e Vera (Fonseca [1710]: 16).

15 De entre estes, o mais citado é Francisco Sánchez de las Brozas, o qual, segundo Ponce de León (2006: 158) é o gramático espanhol mais referido na gramatografia portuguesa setecentista. Contudo, como o Brocense constituiria sobretudo (embora não exclusivamente) um referente para o Latim, seria talvez mais relevante, no âmbito deste trabalho, realçar os ortógrafos do espanhol citados por Macedo ([1710]: 16) no contexto da comparação da ortografia das duas línguas, e entre os quais destaca os autores seiscentistas, Francisco Robles e Mateo Alemán. A tradição espanhola, não é, contudo, o principal objeto deste trabalho, mas sim saber em que medida as representações de Macedo se inscrevem ou não na tradição portuguesa, pelo que não se aprofundará aqui a questão das fontes espanholas.

Em segundo lugar, importa então avaliar que juízos linguísticos e que representações se constroem sobre os fenómenos contrastivos identificados e como se situam face à tradição. Considere-se previamente a proposta de apreciação que Macedo estabelece genericamente para qualquer língua e perante a qual situa a relação do português com o castelhano, como se pode ver na última passagem de cada um dos grupos de citações seguidamente apresentados:

Quadro 6: representações e juízos linguísticos (I)

Formosura exterior	
«A formosura exterior, ou superficial de huma Língua consiste em duas cousas: a primeira he a facilidade e doçura da pronunção, a segunda a justa concordancia da pronunção com a orthografia» (Fonseca [1710]: 14).	
«A orthografia Castelhana, posto que he muito mais pura que a Italiana, e que a de todas as outras linguas vulgares, não he tão pura, como a nossa» (Fonseca [1710]: 16).	
Formosura interior	
«[...] A formosura interior (que he a mais nobre, a mais amavel, e mais preciosa que os amantes de alguma lingua podem dezejar nella) consiste e respandece na propriedade, facilidade, simplicidade, jucundidade, concinnidade, naturalidade, viveza, clareza, pureza, nobreza, delicadeza, belleza, graça, harmonia, elegancia e perfeição, com que nessa lingua pode, por beneficio della ser ao entendimento dos ouvintes representado aquillo, que queremos que elles entendaõ, quando fallamos» (Fonseca [1710]: 17).	
«Agora digo, que para a perfeita operação deste ministerio, querem os Autores; que falaõ nesta materia, que tenha a boa Língua tres qualidades principalmente. A primeira, que seja copiosa de palavras, a segunda, que nella se possa dizer tudo com grande brevidade; e a terceira, que seja apta para todos os estilos» (Fonseca [1710]: 17-18).	
«Nesta espirital e mais generosa formosura das Linguas, não esperem os curiosos, que eu mostre, que he mais formosa com grande excesso a nossa que a Castelhana; pois que já tenho ditto, que sendo a castelhana tão formosa, com he, e sendo a nossa e ella tão parecidas, e tão reciprocamente conformes e consoantes, não só nas palavras, mas tambem nas frases, e em quasi todas as outras propriedades, que nellas podemos considerar: não he facil mostrar na nossa, grande superioridade» (Fonseca [1710]: 17).	

Entendendo-se por “formosura interior” a qualidade da representação do significado e, por “formosura exterior”, a qualidade da pronunção e ortografia, observa-se que, segundo Macedo, é sobretudo neste último plano que se afirma a superioridade do português. Em concreto, relativamente aos fenómenos que são objeto do capítulo em destaque, o autor identifica no castelhano os seguintes traços, discriminados no quadro 7: > aspereza; > corrupção; < clareza; < facilidade; < analogia; < brandura; < elegância.

Quadro 7: representações e juízos linguísticos (II).

Terminação em <-a>	«[...] Porque esta letra posta no fim de qualquer palavra causa bastante aspereza na sua pronunção» (Fonseca [1710]: 8).	> aspereza
Ditongação	«[...] Onde a nossa mais elegante, mais facilmente e mais propinqua ao Latim, diz [...]» (Fonseca [1710]: 9) «[...] Dizendo nós tambem tudo isto mais Latina, e por isso menos corruptamente, e com pronunção mais clara, mais aberta, mais desembaraçada, e mais facil, sem este l, que nisto he ociosissimo» (Fonseca [1710]: 9). «Alem disto a errada analogia de dizer puerta e portero [...] e mil outras cousas, como estas, he vivio entre os castelhanos frequentissimo, e entre nós rarissimo» (Fonseca [1710]: 9).	< elegância < facilidade > corrupção < clareza < analogia
Terminação em <-d>	«Pois a aspereza dignissima de reprehensão, de acabar muitas palavras na letra D, que no fim dellas se não pode pronunciar sem violencia e difficuldade [...], que he certo que nós pronunciamos muito mais elegante e mais brandamente com o E, que no fim lhe acrescentamos» (Fonseca [1710]: 9).	< elegância < facilidade > corrupção < clareza < analogia

Estes mesmos parâmetros de apreciação - e outros - aparecem ainda a propósito dos restantes fenómenos sobre os quais o autor oferece notas contrastivas fora do capítulo em foco.

Quadro 8: representações e juízos linguísticos (III).

Betacismo e Zetacismo	«A orthografía Castellhana, posto que he muito mais pura que a Italiana, e que a de todas as outras línguas vulgares, não he tão pura, como a nossa; e disto não pode haver melhores testemunhas que o Padre Frei Francisco de Robles, e Mateo Aleman, ambos Castellhanos, com os livros, que fizeraõ da orthografía da sua língua; onde dizem, que tanto na escritura, como na pronunçiação, são mutuamente confundidos, e equivocados o V consoante com o B, o I consoante com o G, o G como o H, o S e o C com o Z [...]» (Fonseca [1710]: 16).	<pureza;
Guturalização	Ver também citação anterior. «E he certo, que não se pode dizer o mesmo de muitas palavras Castellhanas, que acabaõ em D, como hazed, dezid, merced, Ciudad, Creed, &c, nem do modo affectado, violento, e desagradavel com que os Castellhanos pronunçião a letra G, e o I consoante, e o X, como se vê nas palavras ageno, enagenar, genero, gente, gigante, vermejo, trabajo, trabajar, axar, encaxar, baxar, lineage, bagage, salvage, language, e outras semelhantes, que são innumeraveis naquella língua. Isto conheceremos mui bem, se virmos algum Castellhano lendo em vox alta alguma das suas comedias; ou algum livro dos seus; porque veremos claramente, que nisso trabalha mais com a garganta, e bóle mais agitadoamente com a língua e labios, do que nós, quando lemos os nossos livros; porque a nossa pronunçiação he mais fluida, mais fácil; mais branda; mais suave, mais clara mais formosa, e mais natural. Esta mesma opinião me parece, que teve Miguel de Cervantes; porque fallando das excellencias de Valença, e da Língua Valenciana, diz isto, Con quien sola la Portuguesa puede competir en ser dulce y suave. Para isto contribue consideravelmente na Língua Castellhana a aspereza notável, que nella nasce da copia grande de palavras Mouriscas; de que ella he certamente muito mais abundante que a nossa, como será patente a quem ler as poesias de Dom Luiz de Gongora, e os livros de Miguel de Cervantes, principalmente o das suas novellas, e outros muitos, e com elles conferir os nossos» (Fonseca [1710]: 14-15).	>afetação <pureza <fluidez <clareza <brandura <suavidade <facilidade >aspereza < pureza
<ll> vs. <lh>	«Tambem naquellas palavras que os Castellhanos escrevem com dois LL, e nós com LH, como batalha, Cavaleiro, maravilha, &c. he melhor, do que a sua, a nossa orthografía, como affirmão Duarte Nunes de Leão, Alvaro Ferreira de Vera e João Franco Barreto. E nas que nós e elles escrevemos com dois LL, como Villa, donzella, ella, bella, estrella, cavallo, cabello, etc. muito melhor he, do que a sua, a nossa pronunçiaçõ» (Fonseca [1710]: 16).	apreciação genérica
Aspiração	«Esta mesma excellencia, posto que mais coarctada, dirão, os Castellhanos amigos da verdade, que tem a nossa língua comparada com a sua; porque primeiramente na nossa muitas palavras são mais Latinas, do que na sua; como Filho, Folha, Ferro, Femea, Fumo, Fuso, Fel, Fede, Figo, Feno, Fado, Fundo, Fervor, Ferver, Ferir, Fugir, Farto, Fartar, Furto, Furtar, Fallar, Fazer, Forno, Formiga, Formoso, e muitas outras semelhantes, que elles corrompem grandemente com as suas aspiraçõ» (Fonseca [1710]: 19).	>corrupção
Preterito mais que perfeito simples	«Temos também, como os Latinos, o preterito plusquamperfeito do Indicativo; que falta nas outras Línguas de Europa; as quaes só com os verbos auxiliares o podem significar; como vemos, que significa tambem a Castellhana ordinariamente» (Fonseca [1710]: 46-47).	>corrupção
Utilização do preterito definido em lugar do perfeito	«E no uso do preterito perfeito temos tambem a singularidade de imitar os Latinos, dizendo puramente com elle o que os Franceses, e as outras nações de Europa dizem inutil e importunissimamente com o preterito, que os mais doutos gramaticos chamaõ definido. Cousa, com que tambem os Castellhanos se mostraõ muitas vezes menos imitadores do que nós da Latinidade; porque ordinaria e reprehensivelmente dizem, usando do mesmo preterito: Nunca he visto, ni oido, ni imaginado etc. Dizendo nós muito mais elegante e simplesmente: Nunca vi, nem ouvi, nem imaginei etc.» (Fonseca [1710]: 47).	<pureza <elegância <facilidade
Concordância de género	«Observamos tambem com tão inviolavel diligencia a regularidade de concordar legitimamente os adjetivos com os Substantivos, que nunca vemos na nossa Língua a ridicula impropriedade, com que com que os Franceses dizem Meu alma, Meu espada, Meu esperança. [...] Os Castellhanos tambem dizem El alma, El almohada, El alcova, como os Franceses dizem Meu esperança; mas nós nunca dizemos cousas semelhantes».	<regularidade <propriedade
<n>/<ñ>	«Sobre isto he indubitavel, que se considerarmos a grande barbaridade das diferenças, que a falta de letras proprias para significar estes dois sons, e a ignorancia do remedio della introduziu nas Línguas da nossa Europa facilmente veremos, que elles não podem sem letras novas ser propriamente significados; porque se fosse possível essa comodidade, já não veriamos os absurdos, com que a vemos sollicitada; pretendendo os Franceses e Italianos significar com o G antes do N o som, que nós com o N antes do H significamos (de que he exemplo a palavra Espagnol) e os Castellhanos só com huma pequena linha sobre o N, sem escrever H nem G, significar o mesmo» (Fonseca [1710]: 133).	=barbaridade =falta de propriedade

Léxico (formação)	«Sobre isto disse galantemente Pedro de Magalhães Gandavo no seu Dialogo, que seria conveniente, que os Castelhanos dissessem Ojar, já que dizem Ojos, ou já que dizem Mirar, chamassem os olhos Miro, para que acerca disto não vissemos a dissonancia, que vemos na sua língua. Em que também vemos outras semelhantes a esta; como he a de dizer Mermelada, dizendo Membrillo, e parecendo facilmente, que se dissessem Membrillada, nisso veríamos maior conveniencia» (Fonseca [1710]: 45).	<analogia
-------------------	--	-----------

Dos juízos acima discriminados, o relativo à maior ou menor corrupção/pureza surge ainda no quadro de uma perceção genérica, ou seja, não associado diretamente a um facto de língua em concreto. Tal acontece na sequência da citação, através de Severim de Faria, de uns versos que percorrem a tradição gramatical portuguesa desde João de Barros para ilustrar a maior proximidade da língua portuguesa com a latina, e consequentemente, enaltecê-la.

A isto, que aqui diz Manoel Severim de Faria, podemos acrescentar; que facilmente nos mostram estes cinco disticos, quanto maior he a Latinidade da nossa Língua, do que a da Castelhana; porque sendo patente, que todos elles são Portuguezes, tambem o he, que nelles, nem hum só observamos, que seja Castelhana (Fonseca [1710]: 32).

Para além das noções que, no quadro 8, suportam a apreciação contrastiva das duas línguas, cabe ainda referir outra que, tal como no caso anteriormente referido, também não se encontra vinculada a nenhum facto linguístico em concreto. Trata-se da perceção, relativamente ao castelhano, de menor brevidade.

O Doutissimo Padre frei Bernardo de Britto fallando nesta materia contra os insignes conselheiros que o exhortavaõ a escrever os seus Livros em Castelhana, para que fossem mais celebres e mais elegantes, diz assim no prologo da sua Monarchia Lusitana: *Mas como esta opiniaõ era taõ mal fundada, que nem sombra tinha de boa, nunca fiz rosto a quem me persuadia, vendo, que a primeira rasoã me arguia de interesseiro em pretender gasto da impressaõ, e a segunda de indigno de nome portuguez em ter taõ pouco conhecimento da Língua propria, que a julgasse por inferior á Castelhana: Sendo pello contrario, que não há Língua no mundo (tomada nos termos que hoje vemos) mais digna de se estimar para historia, que a portugueza; pois ella, entre as mais he a que em menos palavras descobre mores conceitos, e a que com menos rodeios, e mais graves termos dá no ponto da verdade* (Fonseca [1710]: 55).

Para entender como a apreciação subjetiva do castelhano levada a cabo por Macedo se enquadra na tradição precedente, é útil ter em conta, por um lado, o trabalho de García Martín, sobre as tipologias de qualificativos em que se organizam os estereótipos sobre o português (séculos XVI-XVIII) e, por outro lado, o de Rodríguez, sobre a argumentação por detrás das representações do castelhano em autores portugueses quinhentistas.

Quadro 9: representações e juízos linguísticos na tradição precedente (I).

Em estudos sobre o Português	Em estudos sobre o Castelhana
1. De ordem estrutural 1.1 <i>rica vs. pobre</i> ; 1.2. <i>regular, larga vs. irregular, curta, breve</i> ; 1.3. <i>fácil vs. difícil, escabrosa</i> . 2. De ordem genética <i>nobre antiga, ensinada</i> . 3. De ordem sensorial <i>grave, suave vs. áspere, grosseira</i> . 4. De ordem moral <i>Varonil, honesta, casta, pura</i> . García Martín (2005: 27)	1. A maior extensão do castelhano. 2. O facto de ser língua mais clara e fácil. 3. O facto de ser língua mais rica e trabalhada. 4. O ser sinónimo de cortesia, de elevação social. Rodríguez (2005: 592)

O levantamento realizado a partir do texto de Macedo e aqui apresentado anteriormente revela que no seu discurso estão presentes, aplicadas ao Espanhol, muitas das tipologias que García Martín identificou nos textos metalinguísticos por si estudados, bem como a contraposição a algumas das representações identificadas por Rodríguez no seu *corpus*. Sendo certo, como afirma García Martín (2005: 27) sobre o discurso apologético e gramaticográfico dos séculos XVI a XVIII, que o mesmo se constrói no quadro de uma reação aos estereótipos sobre o português, será justo explicitar igualmente que eles produzem, como reverso da medalha, uma tradição de representações estereotipadas sobre o castelhano. E é perante a mesma que se procurou situar aqui o discurso de Macedo, não obstante a dificuldade levantada por algumas variações de autor para autor, na compreensão dos ditos qualificativos.

Quadro 10: representações e juízos linguísticos na tradição precedente (II).

	Oliveira 2012 [1536]	Barros 1971 [1540]	Gândavo 1981 [1574]	Leão 1983 [1576]	Leão 1983 [1606]	Faria 1999 [1624]	Vera 1631	Pereira 1666	Barreto 1671
>aspereza						x			
>corrupção			x			x		x	x
<clareza									
<facilidade					x				
<analogia					x				
<brandura									
<elegância									
<abundância									
<propriedade						x			
<brevidade									

Neste quadro ilustra-se mais pormenorizadamente em que medida as apreciações de Macedo têm (ou não) precedente na tradição anterior, no âmbito do comentário contrastivo português/castelhano dos factos de língua destacados no *Antídoto*. Daqui se pode concluir que, tal como se verificou no enquadramento historiográfico dos fenómenos linguísticos alvos de contraste, também no que se refere aos juízos linguísticos

expressos, é sobretudo na tradição ortográfica e apologética que se encontram dados explícitos sobre as questões enunciadas por Macedo, sendo o tópico da maior corrupção do castelhano/menor corrupção do português aquele que se destaca como mais recorrente nos textos em confronto, apontando para uma persistência do quadro conceptual da questão da língua e da estratégia argumentativa subjacente ao mesmo. No tocante aos autores, salienta-se, que, diferentemente do que se observou relativamente aos factos de língua, já não é Barreto o autor que mais partilha os dados recolhidos em Macedo, mas sim Severim de Faria.

Para além da percepção do autor sobre a língua castelhana, o *Antidoto*, oferece ainda notas acerca da percepção coletiva predominante e da manutenção das contradições que a marcam desde o século XVI: atribuindo-lhe, por um lado, o lugar de língua de prestígio, mas, por outro, manifestando certa reserva e até hostilidade norteadas pelo quadro teórico da questão da língua.

No plural dizem os Castelhanos *Opiniones*, e *Divisiones*, etc, e não se pode negar que estas palavras são mais limadas, e melhores, e de mais doce pronúncia que as nossas acabadas em *ões*. Pois se isto assim he, para que dezejamos, que as nossas sejam mais toscas? Se a *Lingua Castelhana* nos parece formosa, e agradável; e dizemos que não ha *Lingua* no mundo, que a iguale; e que por isso nos deleitamos muito, quando lemos os livros escritos nella; porque a não imitaremos nisto? Se nisto he melhor que a nossa, que ganharemos em consentir que sempre o seja? (Fonseca [1710]: 75-76).

Mas se não queremos imitar os Castelhanos, porque não imitaremos os Latinos (Fonseca [1710]: 76)?

[...] Tanto erraria quem disto se descontentasse só por querer, que a nossa *Lingua*, não fosse menos diferente da Castelhana, do que agora he, como erraria hum anaõ ou hum corcovado, que só para ser diferente dos homes de legitima e bem proporcionada estatura estimasse e louvasse como cousa preciosa, a conservação da sua deformidade (Fonseca [1710]: 124).

Alguns [vocabulos], como *Primor*, *saudade*, *magua*, *Alvoroço*, *Atinar*, e outros que não são muitos, tem já tomado os Castelhanos do nosso idioma; e usam hoje delles, porque os achão mui elegantes e mui significativos. E consta, que os tem tomado, porque não he este uso tão antigo nos livros daquela lingua, nem tão frequente ainda, como nos nossos.

Daqui podemos inferir duas cousas: a primeira, que não he pequena a gloria que tem a nossa *Lingua* em poder dar estes baratos a outra tão

excelente, como he a Castelhana. A segunda, que se os Castelhanos se não envergonhaõ de tomar da nossa Língua aquillo, com que podem enriquecer na sua: também nós não devemos envergonharnos de tomar da Castelhana, e da Italiana, e principalmente da Latina tudo o que nellas virmos conveniente para condecorar e enriquecer mais a nossa.

Nos fragmentos acima transcritos, a dimensão estratégica que esse quadro conceptual de referência assume para o autor é visível na forma como aquele intencionalmente se apropria do dito quadro para desmontar resistências, atribuindo ao castelhano, nos aspetos em que pretende que este sirva de modelo, uma maior proximidade ao latim e, portanto, maior autoridade nesta questão em concreto.

Do anteriormente exposto se conclui como o papel do castelhano enquanto referente contrastivo no texto de Macedo é bastante complexo. Por um lado, no tocante à eliminação do ditongo nasal, oferece-se como modelo de prestígio estrategicamente integrado num propósito reformador global; por outro lado, não só se escolhem, em alguns dos casos estudados, outros modelos que não o castelhano, como ainda se criticam pontualmente casos concretos de imitação dos castelhanos¹⁶. Além disso, se, por um lado, se sublinha o seu lugar de prestígio, por outro, a comparação serve em termos últimos o enaltecimento e afirmação do português, especialmente quando comparado com o castelhano.

Como se observa nas passagens seguidamente transcritas, nesse exercício de comparação, há que ver ainda que, se, por um lado, relativiza as críticas ao castelhano, por outro, revela maior exigência para com o mesmo, como quando, por exemplo, a respeito da terminação em <-d>, afirma o seguinte:

16 Um exemplo destas críticas e da complexidade da posição de Macedo, relativamente ao castelhano é o comentário da expressão *el rey*, onde genericamente se posiciona contra a importação linguística, mas, simultaneamente, assumindo a sua generalização, defende a sua extensão ao plural: “Digaõme os Curiosos, se fallamos Portuguez, ou Castelhana, quando dizemos *El Rey*? A Natureza da nossa Língua bem vemos, que está pedindo, que digamos *O Rey*, assim como dizemos *o Principe*, *o Duaque* [sic], *o Marquez*, *o Conde*, *o Papa*, &c; e que isto he o que se observa em todas as linguas da Europa. Pois porque não alcança de nós aqui a natureza da nossa Língua, aquillo que nos pede? Porque lho não concedemos? Eu não sei, que para isso possa haver outra causa mais que só o uso. Mas já que no singular dizemos *El Rey*, porque dizemos no plural *Os Reys*, assim como dizemos *os Princeses*, *os Duques* &c, com o nosso articulo; e não com o Castelhana?» (Fonseca 1710: 83). Trata-se de um caso que merece destaque, já que este é um tópico presente na tradição gramaticográfica desde Oliveira (2012[1536]: 63-64).

[...] Não he pequeno inconveniente em qualquer Lingua: e por isso o podemos sem duvida chamar maior naquella em cujas raras excellencias parece na verdade que he menos temeraria, que justificada, a majestosa confiança, com que pretende o titulo de Princesa das outras (Fonseca [1710]: 9).

Nem eu dezejo agora parecer empenhado em dizer mal da Lingua Castelhana mas somente em mostrar, que sendo ella estimada por melhor que todas, não he a nossa menos formosa (Fonseca [1710]: 9).

O castelhano aparece ainda tido em conta no texto numa perspetiva didática e instrumental. É o que se observa na alusão ao seu papel na aprendizagem do português, ilustrada, a propósito das regras de formação do plural nos vocábulos terminados em ditongo nasal, como se pode ler na seguinte passagem:

[...] Porque primeiramente esta regra he breve, e facil, e mais universal e capax de ser entendida e observada de todas as pessoas, que não souberem Latim, nem Italiano, nem Castelhana [...] (Fonseca [1710]: 69).

Se bem que, desde Barros (1971[1540]: 317) até Barreto (1671: 190-193), existe uma tradição de sistematização das referidas regras assente no conhecimento do castelhano, a opção de Macedo é por esquemas que, alternativamente, dispensem o conhecimento de outras línguas, com vista à facilitação da aprendizagem.

Em conclusão, após o levantamento e análise dos dados aqui esboçados, importa vincar o modo como Macedo relativiza a inexistência do ditongo “ão” enquanto uma vantagem do castelhano sobre o português, reforçando o propósito global de elogio e afirmação da sua língua materna, por meio de um discurso que revela a manutenção de representações e recursos argumentativos presentes na tradição textual que conforma a questão da língua em Portugal.

Bibliografia

a) primária

Barreto João Franco, 1671, *Ortografia da Lingua Portuguesa*, Lisboa, João da Costa.
 Barros João, 1971[1540], *Gramática da Língua Portuguesa: Cartinha, Gramática, Diálogo em Louvor da Nossa Linguagem, Diálogo da Viciosa Vergonha*, edição de Maria Leonor Carvalhão Buescu: reprodução facsimilar, leitura, introdução e notas, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

- Faria Manuel Severim de, 1999[1624], «Das partes que há-de haver na linguagem para ser perfeita, e como a portuguesa as tem todas e algũas com eminência de outras línguas», in: *Discursos Vários Políticos*, introdução atualização e notas de Maria Leonor Soares Albergaria Vieira, S.l., Imprensa Nacional – Casa da Moeda, p. 69-97.
- Fonseca Antonio de Mello da, [1710], *Antídoto da Língua Portuguesa*, Amsterdam, em casa de Miguel Diaz, impressor e mercader de libros.
- Gândavo Pedro de Magalhães, 1981[1574], *Regras que ensinam a maneira de escrever e a ortografia da língua portuguesa: com o diálogo que adiante se segue em defesa da mesma língua*, edição fac-sim. da 1ª ed. com introdução de Maria Leonor Carvalhão Buescu, Lisboa, Biblioteca Nacional.
- Leão Duarte Nunes de, 1983[1576;1606], *Ortografia e Origem da Língua Portuguesa*, edição de Maria Leonor Carvalhão Buescu: introdução, notas e leitura, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Oliveira Fernão de, 2012[1536], *Gramática da Linguagem Portuguesa, Fac-simile, introdução e edição actualizada e anotada por: José Eduardo Franco e João Paulo Silvestre*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Pereira Bento, 1666, *Regras gerays breves, e comprehensivas da melhor orthografia com que se podem evitar erros no escrever da lingua latina, & portugueza*, Em Lisboa, por Domingos Carneyro.
- Vera Álvaro Ferrerira de, 1631, *Orthographia ou modo para escrever certo na lingua portuguesa*, Lisboa, Mathias Rodriguez.

b) Secundária

- Buescu Maria Leonor Carvalhão, 1978, *Gramáticos portugueses do século XVI*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- Buescu Maria Leonor Carvalhão, 1983, *Babel ou a ruptura do signo. A gramática e os gramáticos portugueses do Século XVI*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Fishman Joshua, 1967, «Bilingualism with or without diglossia: diglossia with or without bilingualism», *Journal of Social Issues*, 23, 2, p. 29 38.
- Fonseca Maria do Céu, 2006, *Historiografia linguística portuguesa e missionária: preposições e posposições no século XVII*, Lisboa, Colibri.
- García Martín Ana María, 2005, «Estereótipos linguísticos e apologia do português: apontamentos sobre um subgénero da historiografia linguística», *Estudios Portugueses: revista de filología portuguesa*, 5, p. 25-43.
- García Martín Ana María, 2007, «Sobre la referencia al castellano en la tradición gramatical del portugués», in: Marcos de Dios Ángel (coord.), *Aula ibérica: Actas de los congresos de Evora y Salamanca*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, p. 209-218.

- García Martín Ana María, 2008, «El bilingüismo luso-castellano en Portugal: estado de la cuestión», *Aula bilingüe. Investigación y Archivo del castellano como lengua literaria en Portugal*, I, p. 15-44.
- Gonçalves Maria Filomena, 2000, «Presenças castelhanas na gramaticografia portuguesa seiscentista e setecentista», in: Carrasco González Juan Manuel, Leal Maria Luísa Trindade Madeira & Fernández García María Jesús (coords.), *Actas del I Congreso Internacional de Historia y Cultura en la Frontera – 1^{er} Encuentro Internacional de lusitanistas Españoles: Cáceres, 10, 11 y 12 de noviembre de 1999*, tomo II, Cáceres, Universidad de Extremadura, p. 917-936.
- Gonçalves Maria Filomena, 2003, *As ideias ortográficas em Portugal: de Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1794-1911)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- Gonçalves Maria Filomena, 2006, «El portugués como dialecto del castellano: historia de una teoría entre los siglos XVII y XVIII», in: Roldán Pérez, Antonio (coord.), *Caminos actuales de la historiografía lingüística: actas del V Congreso Internacional de la Sociedad Española de Historiografía lingüística*, I, Murcia, Ediciones Universidad de Murcia, p. 729-742.
- Gonçalves Miguel, 2010, «Um olhar português sobre o castelhano de quinhentos», in: Assunção Carlos; Fernandes Gonçalo & Loureiro Marlene, *Ideias linguísticas na Península Ibérica (sec. XIV a XIX)*, I, Münster, Nodus Publikationen, p. 351-360.
- Kemmler Rolf, 2001, «Para uma história da ortografia portuguesa: o texto metaortográfico e a sua periodização do século XVI até à reforma ortográfica de 1911», *Lusorama*, 47-48, p. 128-319.
- Kemmler Rolf, 2007, *A Academia Orthográfica Portuguesa na Lisboa do Século das Luzes. Vida, obras e actividades de João Pinheiro Freire da Cunha (1738-1811)*, Frankfurt am Main, Domus Editoria Europaea.
- Leite Ana Maria de Almeida Valente e Pinho, 2002, «*Antídoto da lingua portuguesa*: edição e comentário», Tese de mestrado, Departamento de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro (versão provisória).
- Lliteras Margarita & Dorásio Andresa, 2012, «Recursos contrastivos entre el español y el portugués en gramáticas españolas y brasileñas del siglo XIX», in: Battaner Moro Elena, Calvo Fernández Vicente & Peña Jiménez Palma (eds), *Historiografía lingüística: líneas actuales de investigación*, II, Münster, Nodus Publikationen, p. 559-568.
- Martínez González Antonio, 2002, «De Espanha, nem bom vento nem bom casamento. (Acerca de la influencia cultural y lingüística de España en Portugal. siglos XVI a XVIII)», in Werner Thielemann (Ed.), *Século XVIII: Século das Luzes – Século de Pombal*, Frankfurt a. M., TFM, p. 229-264.

- Paiva Maria Helena Pinto Novais, 2004, «Juízos explícitos e norma linguística nos gramáticos portugueses quinhentistas», in: Brito Ana Maria; Figueiredo Olívia & Barros Clara (org.), *Linguística Histórica e História da Língua Portuguesa: actas do Encontro de Homenagem a Maria Helena Paiva*, Porto, Universidade do Porto, p. 275-300.
- Pensado José Luis, 1985, «Ortografía galega, su primer destierro», in: *El Gallego, Galicia y los gallegos a través de los tiempos*, La Coruña, La voz de Galicia, p. 53-55.
- Picchio Riccardo, 1978, *Études littéraires slavo-romanes*, Firenze, Licos Editrice.
- Picchio Riccardo, 1991[1972], «Questione della lingua e Slavia cirillometodiana», in: *Letteratura della Slavia ortodossa*, Bari, Edizioni Dedalo, p. 145-262.
- Ponce de León Romeo Rogelio & Duarte Sónia, 2005, «O contributo da obra lexicográfica de Rafael Bluteau para a história do ensino do Português como língua estrangeira: o “Methodo breve, y facil para entender Castellanos la lengua portuguesa”», *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Série Línguas e Literaturas*, 22, p. 373-429.
- Ponce de León Romeo Rogelio, 2006, «Notas sobre la presencia de la gramática y de los gramáticos españoles en la gramaticografía portuguesa (siglos XVI-XVIII)», *Romanistik in Geschichte und Gegenwart*, 2, 12, p. 147-165.
- Rodríguez José Luis, 2005, «Visões do outro. O castelhano na óptica dos linguistas portugueses de Quinhentos», in: Gonçalves Miguel et al, *Gramática e Humanismo: Actas do Colóquio de Homenagem a Amadeu Torres*, I, Braga, ALETHEIA – Associação Cultural e Científica, p. 591-614.
- Silva Inocêncio Francisco da, 1858-1958, *Diccionario bibliographico portuguez: Estudos de Innocencio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil*, [a partir do vol. IX: continuado e ampliado por Brito Aranha], 23 vols., Lisboa, na Imprensa Nacional, Obra reeditada em reprodução fac-similada, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, s.d.
- Sousa Maria Clara Paixão de, 2005, «Língua Barroca: Sintaxe e História do português nos 1600», Tese de doutoramento, Departamento de Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- Stegagno-Picchio Luciana (ed.), 1982[1959], «La questione della lingua in Portogallo», in: João de Barros, *Diálogo em louvor da nossa Linguagem*, Modena, Soc. Tipográfica Modonese.
- Vázquez Corredoira Fernando, 1998, *A construção da língua portuguesa frente ao castelhano – o galego como exemplo a contrario*, Santiago de Compostela: Edicións Laiovento.

